

Título:

The dark side of the moon.

O papel da arquitectura (e dos arquitetos) em situações extremas. Será possível fazer a diferença?

Abstract:

Eventos catastróficos ou situações de extrema vulnerabilidade de populações são uma realidade actual que, infelizmente, irão adquirir maiores e mais graves proporções, como uma análise dos recentes anos nos pode provar. Se as preocupações básicas e urgentes serão sempre, e primeiramente, a preservação de vidas, num segundo momento é determinante a reposição de condições mínimas de habitabilidade, a regularização das vivências diárias, a integração social, e a capacitação profissional e económica das populações atingidas. Organismos/organizações Internacionais, Nacionais, ONG, outras organizações com distintos enquadramentos e auto formadas redes de voluntários vão para o terreno quando as situações adquirem visibilidade, seja pelo dimensão da catástrofe, seja pela sua divulgação mediática – temos o exemplo recente dos incêndios de 2017 em Portugal, com mobilização de recursos a diversos níveis, ou as diversas acções em prol dos refugiados um pouco por toda a Europa e Próximo-Oriente – contudo, quase nunca coordenadas entre si e parte integrante de uma estratégia de actuação.

Existe, na maioria de nós, uma vontade efectiva, mas também idealista, de ajudar. Mas é uma vontade feita de impulsos que esmorece com o tempo, ou então se deve profissionalizar, organizar, estruturar para ser uma forma de actuação que veja a situação global e os seus impactos e não apenas o micro-problema, o problema-urgente. Avaliando o papel dos arquitectos sabemos que, por um lado, estamos habituados a pensar um futuro que ainda não chegou, a planear as fases que o permitem concretizar, a encontrar os recursos materiais que o tornam palpável. Por outro lado, toda a nossa formação é demasiado autista em relação ao que já existe, quer seja o já construído, as populações, até as circunstâncias económicas e sociais específicas de um tempo, do nosso tempo. Servimos a dois deuses, ou somos um Janus que perdeu a ligação entra as suas duas faces. Seremos? Ou é essa a imagem que a face visível da lua nos devolve?

Tomando como base alguns exemplos de processos de intervenção em situações extremas e excepcionas pretende-se analisar brevemente o próprio processo e o papel desempenhado pela arquitectura e pelos arquitectos.

CV:

Clara Pimenta do Vale é arquitecta pela FAUP, Mestre em Construção de Edifícios pela FEUP e doutorada em Arquitectura pela FAUP com a dissertação "Um alinhamento urbano na construção edificada do Porto - O Eixo da Boavista (1927-1999) - Contributo para a História da Construção em Portugal no Século XX ". É professora auxiliar na FAUP desde 2012, assistente entre 1999 e 2012, e Investigadora do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo (CEAU), grupos 'Património Arquitectónico da Cidade e do Território' (PACT) e 'Digital Fabrication Laboratory' (DFL).

Membro da Direcção dos 'Arquitectos sem Fronteiras – Portugal'; Membro de outras organizações científicas nacionais e internacionais (ICOMOS; Construction History Society'; Sociedade Portuguesa de Estudos de História de Construção; Associação Portuguesa para a Reabilitação Urbana e Protecção do Património).

Seminário

ARQUITETURA E POBREZA

◀ 17 Junho 2019 ▶

Sala 5fr

11h00

esap



<http://www.esap.pt/actividades/arquitetura-e-pobreza>

Organization:

Maria Helena Maia e Susana Milão

Institutional framework:

MIA | Mestrado Integrado em Arquitetura – Seminário 4.2

SATH | Secção Autónoma de Teoria e História

CEAA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo – Grupo de Estudos de Arquitetura